

A narrativa memorialística sobre Umbuzeiro-PB e a criação de uma identidade cidadina

TATIANE VIEIRA DA SILVA*

É uma cidade igual a um sonho: tudo o que pode ser imaginado pode ser sonhado, mas mesmo o mais inesperado dos sonhos é um quebra-cabeça que esconde um desejo, ou então o seu oposto, um medo. As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas e que todas as coisas escondam uma outra coisa.

[...]

De uma cidade, não aproveitamos as sete ou setenta maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas.
Italo Calvino

Este estudo é parte de uma pesquisa mais ampla que compõe a dissertação de mestrado intitulada de, *A fabricação de uma cidade-monumento: memória, identidade e patrimônio em Umbuzeiro (PB)*. A proposta deste artigo é lançar algumas reflexões sobre a construção de uma forma de conhecimento histórico sobre a cidade, a partir da narrativa produzida pelos chamados memorialistas. Nesse sentido, tomaremos especificamente a obra de Eduardo Gomes, com enfoque em sua leitura sobre Umbuzeiro, na Paraíba.

Os anseios em narrar a história da cidade e revelar suas nuances se mostram latentes desde muito tempo. As pesquisas acerca desse tema se desenvolveram em várias áreas do conhecimento e também despertou o interesse dos memorialistas, os quais se preocuparam em dar conta do espaço urbano à sua maneira, utilizando pinceis e cores que “pintaram” e narraram várias urbes pelo Brasil afora.

Nesse sentido, Italo Calvino (1990) considera que as cidades podem também ser entendidas como um sonho, despertam um certo desejo e até mesmo um medo. Mas acima de tudo, dela temos que aproveitar as respostas que podem nos dar. Em Umbuzeiro, muitos desejos se escondem por entre os tijolos de sua materialidade urbana, nos monumentos de suas praças e nos nomes de suas ruas. Muitos discursos a definiram e ela também se tornou uma cidade idealizada a partir de uma aspiração.

Desde meados de 1995, tem prevalecido nesta cidade as narrativas do memorialista Eduardo Gomes. Elas contribuíram significativamente para sua feitura enquanto um espaço de memória marcado pela genealogia que nela fixou sua tradição política, a saber, a família

* Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), na linha de pesquisa Cultura e Cidades.

Pessoa. Desse modo, seus relatos contribuíram significativamente para a caracterização da cidade como sendo o berço dos chamados *filhos ilustres*, ou mesmo, *a terra dos Pessoa*.

Destarte trilhamos nosso percurso através da escrita desse memorialista que, com sua fala, configurou significados para o passado umbuzeirense, dando-lhe uma história e gestando uma identidade pautada na imagem dos *filhos ilustres de Umbuzeiro*. Através de uma análise historiográfica intencionamos entender como este constrói uma memória para a cidade e se torna o guardião da história local.

Consoante Brefe (1993: 5), “o gênero memorialismo – ou memórias – apareceu pela primeira vez na França medieval, tendo como precursores os cronistas Jean de Joinville – fins do século XIII – e Jean Frossart – século XIV”. No Brasil, este tipo de narrativa começou a se desenvolver por volta do século XX.

No contexto da História das cidades, consideramos que o trabalho do memorialista pode ser encarado como um dos muitos discursos possíveis sobre a urbe. O qual, pode ser utilizado pelos historiadores como fonte de pesquisa, desde que passe pelo crivo do devido rigor metodológico de análise das fontes.

Nessa perspectiva, ao abordar a passagem da figura do erudito para a do intelectual, enquanto sujeito do conhecimento historiográfico, Durval Muniz alega que, nesse processo de nascimento e afirmação da ciência histórica e, diante da discussão sobre os procedimentos e métodos do historiador profissional, as obras escritas pelos não-historiadores eram relegadas à um segundo plano:

Os novos eruditos passam a considerar uma forma inferior de se fazer história aquela realizada apenas por um aficionado, por um não profissional, por uma pessoa que não se dedicava integralmente à seu ofício, considerado laborioso e que exige uma dedicação de todo o seu tempo. Passa-se a desqualificar aquelas obras de história nascidas do “afã direto, espontâneo, ingênuo de averiguar as coisas antigas dos tempos passados”, que caracterizava o aficionado da história local ou genealógica. Seu contato “devoto com as coisas mortas de ontem” não garante a descoberta da verdade e não permite a inteligibilidade daquele pequeno fragmento de passado que recorta, por não dispor do saber especializado e da erudição necessária para conseguir construir generalizações e fazer julgamentos e valorações que as atitudes humanas do passado deveriam merecer (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2004: 58-59)

A busca pela profissionalização do historiador e a institucionalização da pesquisa histórica, foi resultado de um longo processo. Enquanto o historiador está atrelado aos rigores metodológicos e historiográficos, a produção do memorialista não está marcada por essa neutralidade ou objetividade. Por ser um diletante, o memorialista se dedica ao estudo do

passado por curiosidade, e portanto, tem uma postura acrítica e de apego ao tema. É o que sugere a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* ([19--]: 858) no verbete “memorialismo”, onde define filosoficamente tal atividade como:

A posição de espírito de quem se deleita preferentemente em recordar e entesourar lembranças. É uma espécie de hipermnésia, que desistiu de adquirir, mas se contenta em guardar e evocar, é a visão indirecta só de imagens, já não de sensações. O memorialista tem olhos no occiput, só vê o seu caminho depois de percorrido, mas desenhado com recordações; vive na irrealidade, como um místico.

Como pode-se inferir dessa definição, o memorialista é uma espécie de voluntário da história, que escreve a seu bel prazer, registrando aquilo que considera importante a partir de um saber particular e de métodos próprios. Sua narrativa é afetuosa e nostálgica. Em sua escrita não existem regras ou procedimentos teórico-metodológicos próprios da historiografia. Portanto, seu trabalho não se prende aos rigores acadêmicos e por isso, tem certa liberdade ao escrever.

Falar sobre sua própria cidade parece ter sido uma necessidade social e própria de muitos memorialistas. Segundo Carnielli (2010: 45) “o memorialismo urbano existiu especialmente devido às grandes transformações urbanas e da necessidade de firmar, através da criação de lugares de memória, identidades para as cidades”.

Do mesmo modo, Neves (2000: 112) pontua que: “É a busca de construção e reconhecimento da identidade que motiva os homens a debruçarem-se sobre o passado em busca dos marcos temporais ou espaciais que se constituem nas referências reais das lembranças”. Nisso reside o desejo de fundar uma história para a cidade, narrando-a sob o prisma dos “heróis” locais e desenhando-os nos espaços públicos.

Nesse sentido, é necessário entender sua trajetória enquanto indivíduo contemporâneo, interessado, atuante e que desempenhou uma forte influência como um sujeito que elaborou e difundiu uma determinada memória para a cidade. A qual foi gestada a partir de suas experiências, percepções e sensações particulares, como também, mediante outras formas de viver e sentir a urbe que lhe foram apresentadas. A fim de descortinar o contexto histórico que possibilitou sua construção discursiva, faz-se necessário trazer à baila alguns questionamentos que se apresentam acerca de sua obra e questionar o lugar de primazia que o discurso saudosista de Eduardo Gomes ocupa em sua terra natal.

Não pretendemos com isso dissecar suas obras, mas sim lançar algumas reflexões sobre a construção de sua narrativa memorialística, buscando perceber a sua investida em

construir uma memória para Umbuzeiro que, intencional ou não, acabou legitimando uma história, uma memória e uma identidade para a cidade, pautada na imagem da família Pessoa.

Simpatizante da História e observador dos acontecimentos e transformações daquela cidade e seu município, Eduardo Gomes dedicou-se a escrever algumas notas sobre a história local. Suas primeiras linhas haviam sido ensaiadas em 1987 quando, por meio da Prefeitura Municipal e ocupando o cargo de Diretor Administrativo, escreveu *Aspectos Gerais do Município de Umbuzeiro*. Este foi o esboço do livro *Umbuzeiro 100 anos: Nossa Terra - Nossa História - Nossa Gente*, posteriormente publicado em 1995, em comemoração ao primeiro centenário de Umbuzeiro.

Ao tomarmos seus registros de historiador diletante e enquanto possibilidade de construção de uma narrativa para Umbuzeiro, devemos levar em consideração o lugar social deste autor. De onde e para quem fala? Certamente devemos atentar para uma cristalização de saberes com historicidades instituídas em sua escrita para a rememoração de uma cidade.

Eduardo Gomes é um “homem de letras” do interior paraibano, um intelectual que mesmo diante das dificuldades para concluir os estudos conseguiu os diplomas de Administração (Universidade Federal da Paraíba) e de Direito (Universidade Estadual da Paraíba), ambos cursados na cidade de Campina Grande – destino dos poucos umbuzeirenses que tinham condições e recursos para obter formação em nível superior.

Sua atuação na gestão municipal foi significativa. Ocupou os cargos de Secretário Geral, Diretor do Departamento de Administração, Educação e Cultura na Prefeitura Municipal de Umbuzeiro. Isto o fez um homem atuante e participativo da vida pública cidadina. Foi o Agente Chefe do município em vários censos: 1981, 1986 e 1991. Algo que, diante da facilidade que tinha do acesso aos dados dos trabalhos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, possivelmente o instigou na pesquisa sobre o município e facilitou a escrita sobre sua história.

Sua obra memorialística *Umbuzeiro 100 anos: Nossa Terra - Nossa História - Nossa Gente*, nos servirá de roteiro inicial para podermos apresentar a cidade e pensar a maneira como o autor construiu uma representação sobre Umbuzeiro, atualmente difundida e legitimada em vários discursos locais e regionais. Sua contribuição aqui se dá no sentido de que ele faz os primeiros registros sobre a história local, construindo-a e cristalizando-a. Portanto, torna-se importante perceber em suas obras, até que ponto foi um dos responsáveis

por colaborar para a formação de uma identidade para esta pequena urbe, atrelada à História da Paraíba e do Brasil.

Ante o pouco grau de precisão da temporalidade de alguns registros, acreditamos ainda que ele foi uma espécie de observador e escritor ao mesmo tempo, na tentativa de um “resgate da memória local” e de uma petrificação para monumentalizá-la. Certamente presenciou ou participou de alguns fatos e acontecimentos por ele narrados, registrando também suas próprias experiências, mesmo que filtradas, ou ainda, as estórias narradas por outras pessoas.

Além de *Umbuzeiro 100 anos*, escreveu outras narrativas: *Umbuzeiro Fatos & Fotos* (2000) e *Umbuzeiro 100 anos de fé* (2002). Todos produzidos nos moldes de um escritor dileitante. Eles foram anotados, impressos e colocados à disposição de quem tivesse interesse em conhecer a memória de Umbuzeiro.

Destarte, tal aspecto dá ao autor um lugar especial na cidade, na medida em que sua literatura memorialística deu-lhe visibilidade e credibilidade, ao ponto das principais indicações à respeito da história de Umbuzeiro comumente remeterem ao seu nome. É a Gomes que os umbuzeirenses devem os créditos dos primeiros registros sobre sua “história local”; o compilador de uma verdade monumentalizada por diversas falas, escritos, dados estatísticos, fotos e outros registros.

Cada uma destas obras tem por finalidade, na fala do autor, “resgatar do esquecimento” os fatos que cercaram a história cidadina, apresentando informações diversas a partir de dados ou aspectos que presenciou ou “ouviu falar”. São acontecimentos que selecionou intencionalmente e deu-lhes roupagens contemporâneas. Fatos cristalizadores de verdades que, na maioria das vezes, são pouco debatidos ou reanalisados. Por se tratar de um trabalho fora da academia, também não houve o cuidado em identificar em notas específicas a origem e datas de suas fontes e principais referências históricas.

A primeira obra, *Umbuzeiro 100 anos: Nossa Terra - Nossa História - Nossa Gente*, publicada em 1995, traça o panorama geral do Município desde seus “primórdios” até fins do século XX, elencando uma série de aspectos geográficos, históricos e culturais, trazendo alguns dados e informações sobre a vida administrativa, educação, saúde e particularidades daquela região.

A segunda, *Umbuzeiro Fatos & Fotos*, divulgada em 2000, busca apresentar o lugar a partir de fotos oriundas do acervo do IBGE, de colaboradores e de seu próprio arquivo

peçoal. Continuou a traçar basicamente a mesma forma de narrativa de sua primeira obra, retirando uma série de informações diretamente de outros livros (como no caso da apresentação da biografia de João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, reproduzida na íntegra do livro *João Pessoa, perfil de um homem público*, de Humberto Mello -1978).

Na sua, até então, última incursão pela escrita, publicou em 2002: *Umbuzeiro 100 anos de fé*, na ocasião da comemoração do centenário da Paróquia de Umbuzeiro. Sua preocupação se voltou para a importância da religião católica naqueles recantos como processo civilizador e divulgador da moral e dos bons costumes de um povo, lugar de batismo de grandes líderes nacionais. De acordo com suas possibilidades e escolhas de pesquisa, traça este cenário de fé apontando documentos relacionados à criação da Paróquia e batistérios de pessoas importantes que ali nasceram. Faz ainda um levantamento das capelas existentes no Município e dos padres que passaram pela Paróquia.

Destes três volumes, apenas o primeiro teve um ligeiro tratamento editorial e passou por um processo de edição e impressão em gráfica, com pequena tiragem de exemplares a cargo e despesa exclusivas do autor, segundo seu próprio relato. Boa parte destes livros foi parar nas prateleiras do então Órgão Municipal de Educação e de lá foram distribuídos para as bibliotecas das escolas umbuzeirenses¹. Este aspecto nos indica que a obra teve grande alcance na localidade e foi trabalhada nas escolas públicas, pois paulatinamente seu conteúdo transmitiu-se para as gerações futuras e hoje é concebida como a “história oficial” de Umbuzeiro.

A obra *Umbuzeiro Fatos & Fotos* (2000) não tem indicação de sua edição ou impressão. É um trabalho de pesquisa monográfico que se resume a uma encadernação fotocopiada. O último compêndio, *Umbuzeiro 100 anos de fé* (2002) foi uma impressão de pequena tiragem em gráfica e assumiu o formato de plaqueta, onde o autor reserva para si todos os direitos. Nenhum deles adquiriu suporte necessário para ser publicado em editora e ser vendido.

No tocante à sua narrativa, percebemos que é própria de uma história metódica e basicamente preocupada em mostrar nomes e datas. Nas falas pelas ruas da cidade ou mesmo nas escolas ou na biblioteca de Umbuzeiro, está claro que seu trabalho é relevante para entendermos o processo de construção de uma memória local e, portanto, do próprio significado histórico da cidade. Ao entender o caminho percorrido desta produção

¹ Este órgão corresponde atualmente à Secretaria Municipal de Educação.

memorialística e a maneira como ele une os elementos institutivos de uma História da Cidade, percebemos as estratégias discursivas que deram e dão corpo a uma história oficial, com forte caráter político.

Neste artigo, tomaremos como objeto de uma análise historiográfica o exemplar *Umbuzeiro 100 anos: Nossa Terra - Nossa História - Nossa Gente* (1995). Faremos algumas considerações acerca dos aspectos que consideramos pertinentes para apresentar a história da cidade, bem como dos elementos que revelam as intenções do autor em gravar uma memória e criar uma identidade para a urbe.

A princípio, salientamos que para compor a obra Eduardo Gomes fez um levantamento de informações sobre Umbuzeiro reunindo dados com origens e categorias diversas, tais como os arquivos dos órgãos e repartições públicas da cidade: IBGE, CAGEPA, SAELPA, EMBRAPA, CIDAGRO, EMATER, TELPA, Coletoria Estadual, Correios e Telégrafos, Unidade Municipal de Cadastramento, Prefeitura Municipal de Umbuzeiro-Educação e Cultura, Sindicato, Poder Judiciário e Câmara Municipal ². Sobre estas informações, o autor apenas nos dá breves notas ao final da obra e não há nenhuma referência a outros livros.

Além destes arquivos, contou com a colaboração de pessoas da comunidade que lhe narraram informações sobre fatos vivenciados, ou já transmitidos pela tradição oral, e que possivelmente também forneceram material de seus acervos particulares (como fotos e cartas). Os moradores, por meio das suas narrativas, contribuíram para o resultado do que foi registrado na obra de Gomes, dando-lhe legitimidade na escrita e, portanto, ajudando-o a reforçar na tinta a criação de uma história da/para a cidade.

Os cidadãos foram narradores de suas experiências cotidianas, expectativas e aspirações daquilo que sentiram, presenciaram e ouviram dizer sobre a urbe. Conforme relatavam seu cotidiano e a maneira como vivenciavam o espaço, cada morador que se dispôs a registrar sua versão sobre a história do lugar, enfatizou o seu olhar, dando uma marca pessoal sobre o tema. Elegeram para si a sua história, a qual foi remontada e cuidadosamente selecionada pelo autor por meio das repetições e pelo lugar social do entrevistado.

² As siglas apresentadas são respectivamente: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Companhia de Água e Esgotos da Paraíba, Sociedade Anônima de Eletrificação da Paraíba, Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuária, Sistema de Defesa Agropecuária, Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural, Telecomunicações da Paraíba.

A obra também está constituída por uma compilação de livros. Ora foram transcritos, com pequenas alterações no tempo verbal ou mudando a ordem do texto original, ora foram parafraseados, acrescentando-se novas informações. Alguns destes foram identificados por nós³.

Por ser, em alguma medida, uma compilação de memórias entrecortadas, a linearidade cronológica não é seguida e, em alguns casos, como esperado por um leitor mais atento, acaba repetindo informações ou até mesmo contradizendo-as. Por vezes o autor se perde com o levantamento de tantas informações ou se confunde temporalmente, recriando algumas datas. Decerto, comete equívocos na tentativa de criar uma história global e factual para a cidade, recriando acontecimentos e lugares históricos diante da imprecisão de fontes ou por não querer deixar nenhum momento sem ser datado.

Lembramos mais uma vez que a obra *Umbuzeiro 100 anos: Nossa Terra - Nossa História - Nossa Gente*, foi produzida com o intuito de celebrar o centenário da criação do município e vila de Umbuzeiro em 1990, mas só foi concluída cinco anos depois. O momento era oportuno, já que havia a necessidade de conhecer a história daquela cidade e cuidar, por ser uma literatura memorialística, para que não “caísse no esquecimento”. Esta foi uma preocupação externalizada pelo autor em sua nota introdutória:

*A história de um povo é extremamente necessária à vida presente. Como podemos discutir o que não conhecemos?
Conhecer Umbuzeiro, além de gratificante e enobrecedor é essencial para o diagnóstico de nossa realidade moral, social, cultural, política e financeira.
Nada mais importante para um povo do que conhecer o seu passado, organizar o seu presente e se estruturar para o futuro. A pronta disponibilidade de dados e informações ao alcance dos estudantes, como também, de curiosos da vida de Umbuzeiro, é por demais oportuna, já que é tão difícil pesquisar entre nós, bem como são poucas as fontes de informações. (GOMES, 1995: 1)*

Sua narrativa remete à ânsia por encontrar a identidade do umbuzeirense resumida em figuras políticas e monumentos esquecidos, cujo resgate do passado traria de volta modelos exemplares de uma história de grandeza. E assim, “como guia, cabe também ao memorialista urbano criar ou disseminar identidades” (CARNIELLI, 2010: 57).

³ O “Anuario Administrativo, Agrícola, Profissional, Mercantil e Industrial da República dos Estados Unidos do Brasil” traz diversas informações sobre os distritos, municípios e vilas do país. No seu primeiro volume a nível federal em 1913, encontramos apontamentos sobre Umbuzeiro. É possível que Gomes tenha utilizado esta fonte, como também outras que não tivemos acesso. Pesquisamos os anos de 1913 e 1924. Disponível em: <http://www.bn.br/portal/> Acesso: 26 jun. 2013.

Respalhando-se nas dificuldades em encontrar fontes para efetuar a pesquisa e na falta de interesse do presente em resgatar seus heróis, Gomes prontificou-se como guardião da memória a iniciar tamanha obra, oferecendo o seu resultado aos estudantes e almejando, assim, que sua narrativa fosse abraçada pelas gerações futuras e por aqueles que ainda detêm algum interesse por sua terra.

Apontamos para as proporções que geralmente uma literatura memorialista pode tomar, uma vez que chega ao alcance da população com muita facilidade fazendo desse tipo de narrativa uma versão “oficial” da história local. É assim que o autor a concebe, cuja caracterização já se encontrava no próprio título. Por outro lado, partindo do pressuposto de que vários exemplares foram parar nas prateleiras das bibliotecas escolares, não é difícil imaginar que a obra tomou grande proporção e aceitação pela comunidade umbuzeirense.

Ao revisitar, na trama de suas lembranças, os espaços urbanos de outrora, Gomes dividiu sua leitura da cidade em quatro fases, por meio de uma perspectiva quantitativa e evolutiva. Ele conta a origem e fundação da cidade descrevendo seu desenvolvimento político, econômico e social. Contudo, percebemos que há ênfase na gestão municipal dos membros da família Pessoa. Todos estes relatados como benfeitores e por isso, considerados *filhos ilustres* da cidade. Nesse rol de nomes considerados importantes para a história local, os mais conhecidos são Epitácio Pessoa e João Pessoa.

Ao discorrer sobre a forma como os memorialistas lidam com as mudanças ocorridas na cidade, Brefe (1993: 14) identifica que é na ruptura entre dois tempos distintos, o passado e o presente, que se situa a escrita memorialista. Esta toma para si o dever de registrar as perdas irreparáveis sofridas pela cidade, bem como os marcos de desenvolvimento e mudanças experimentadas. Nesse sentido, para a autora:

O discurso do memorialista se propõe a ser uma espécie de elo entre esses dois momentos [passado e presente] e, além disso, pretende narrar como a mudança se deu, procurando tanto preservar o passado quanto aclamar o novo e o moderno que emergia na cidade.

Para isso, a recorrência à memória é essencial, já que, operando através da lembrança, possibilita ao memorialista trazer à tona as imagens de um tempo que passou, preservando-as da corrosão do fluxo ininterrupto do devir e das metamorfoses do espaço.

Assim, na preservação de uma memória cuidadosamente construída, Gomes lastima pelo que a cidade possuiu. A cada página de sua obra ele aponta um passado glorioso, queixa-se das perdas sofridas e alerta seus leitores para que conservem sua cidade com aquilo que ela

tem de melhor: desde corredeiras naturais até os bustos de bronze. Não por acaso, elegeu como atração turística a “casa onde nasceu João Pessoa”, espaço utilizado como museu e que se concretizou como um lugar de memória para os umbuzeirenses. A “Biblioteca Municipal Presidente Epitácio Pessoa” corresponde, por sua vez, a um recinto do saber local. Remete à memória do homem que lhe emprestou o nome, sendo um exemplar da arquitetura do século XX naquela cidade, assim como algumas residências particulares “bastante decoradas” e compostas pelos “mais belos detalhes de alvenaria” (GOMES, 1995: 117).

Nesta ode à cidade, Gomes não perde a oportunidade de apresentar o “Cântico a Umbuzeiro”, de sua própria autoria. Nele, declama suas angústias e demonstra um saudosismo que muitas vezes deixa transparecer ao longo do seu texto. Na verdade, parece sintetizar aquilo que tentou dizer durante toda a sua narrativa:

*Cidade da minha terra
de tantos parentes que já se foram
de tantos tempos do passado lembrados
de tantos filhos que te enobreceram*

*Cidade da minha terra
da banda de música saudosa
do palanque ornado para o povo
das festas da fazenda prosperidade
dos passeios nas praças e jardins
do carnaval com brilho e liberdade*

*Saudade da minha terra
do rio a beijar a beira das serras
do clima gostoso do torrão natal
da visão panorâmica do céu estrelado
das nuvens brancas a tocar o chão
saudade da nossa terra, saudade no coração.
(GOMES, 1995: 146, grifo nosso)*

O sentimento de perda das “coisas boas” e a saudade dos “bons tempos” são elementos centrais deste cântico. Aqui, o autor apresenta alguns espaços da memória, da tradição reinventada, de uma “era que se foi”. Nos parece que, ao comemorar o centenário, a cidade estava a lamentar aquilo que tinha e já não possuía mais. É um momento de crise existencial e de reconstrução de valores, da necessidade em arraigar-se a uma “velha identidade” – que, na prática, está sendo criada neste mesmo momento. Esta é, acreditamos, a fundação da história da cidade de Umbuzeiro.

Sua narrativa no volume está impregnada da forma como pensa e entende aquela cidade, e as opiniões que registrou são o reflexo disso. Sob esta perspectiva, consideramos

que a memória pode ser entendida como “o elemento que permite a busca da identidade perdida” resultando na “necessidade psíquica e afetiva de produzir referências, garantias e traços orientadores para o momento presente; a sua exploração, ainda, permite a valorização de um passado que se vê ameaçado de extinção” (BREFE, 1993: 42). Nesse ponto, reside a tarefa de Gomes: criar uma história e uma identidade para a cidade.

Parafraseando Pierre Nora (1993: 17), a obrigação de lembrar suscita no indivíduo “o dever de memória” e isso “faz de cada homem historiador de si mesmo”. Desta forma, o processo de “aceleração da história”, embasado pela rápida transitoriedade dos acontecimentos vivenciados no mundo da tecnologia, “levou as massas dos países industrializados a ligarem-se nostalgicamente às suas raízes: daí a moda retrô, o gosto pela história e pela arqueologia, o interesse pelo folclore, o entusiasmo pela fotografia, criadora de memórias e recordações, e o prestígio da noção de patrimônio”. Essa necessidade de memória faz com que, “ainda hoje, o culto ao passado” esteja aliado ao “conservantismo social” (LE GOFF, 2003: 224-225).

Portanto, o texto de Gomes tem como pano de fundo as realizações dos membros da família Pessoa. Ao tecer sua teia narrativa, apresenta os cem anos da história de Umbuzeiro a partir da construção do seu espaço, delineando traços, aspectos urbanos, costumes, alegrias e dissabores, mas todos permeados pela presença dos Pessoa e, num segundo momento, por Assis Chateaubriand e outros nomes de destaque na cidade. Assim, a partir de um discurso previamente estabelecido, solidifica a figura dos chamados *filhos ilustres*.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bessanezi (Org.). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 155-202.

ALBURQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Da História Detalhe à História Problema: O erudito e o intelectual na elaboração e no ensino do saber histórico. In: **Locus, Revista de História**. Juiz de Fora: Editora UFJF. v. 10, p. 53-72, 2004.

BARROS, José D'Assunção. **Cidade e História**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BREFE, Ana Cláudia Fonseca. **A cidade inventada: a Paulicéia construída nos relatos memorialistas (1870 - 1920)**. 1993. 164 f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

BRESCIANNI, Maria Stella. História e Historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS, Marcus César de (Org.). **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 237-238.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARNIELLI, Flávio de Godoy. Os memorialistas do século XX e a memória das cidades. In: **Patrimônio cultural, identidad y ciudadanía**. LOBATO, Francisco Ollero (Coord.) Producciones Digitales Abya – Yala: Quito, 2010. p.35- 62.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2013a.

_____. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013b.

_____. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Edições Francisco Alves, 1995, p. 17- 48.

GOMES, J. Eduardo. **Umbuzeiro 100 anos: Nossa Terra, Nossa História, Nossa Gente**. Campina Grande: Gráfica Offset Marcone, 1995.

_____. **Umbuzeiro Fatos e Fotos**. Umbuzeiro: [s.n.], 2000.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. vol. XVI. Lisboa / Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, [19--].

KNAUSS, Paulo. **Imagens urbanas e poder simbólico: esculturas e monumentos públicos nas cidades do Rio de Janeiro e de Niterói**. 1998, 234 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

_____. **Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

MELLO, Humberto. **João Pessoa, Perfil de um homem público**. João Pessoa: A União Cia Editora, 1978.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História, metodologia, memória**. São Paulo: Contexto, 2010.

NEVES, Lucilia de Almeida. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. In: **História Oral**. Revista da Associação Brasileira de História Oral. Rio de Janeiro, v.3 n.3, p.109-116, junho de 2000.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, 2007a.

_____. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.

_____. História, memória e centralidade urbana. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, [S.l.] 05 jan 2007b. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/3212>>. Acesso em: 07 mar. 2014.

_____. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. História, memória e centralidade urbana. In: **Revista Mosaico**. Goiás, v.1, n.1, p. 3-12, jan./jun., 2008. Disponível em: <http://seer.ucg.br/index.php/mosaico/article/view/225/179> Acesso: 27 mar. 2013.

_____. **O Imaginário da Cidade**: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

SALES NETO. **Luís Natal ou Câmara Cascudo**: de ator a autor da cidade do Natal. Campina Grande, EDUFPG, 2013.

SCOCUGLIA, J. B. C. (Org.). **Cidade, cultura e urbanidade**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2012.